

1

Introdução

Estaria a feitura de um texto, seja ele de ficção ou não, impregnada, de maneira direta ou indireta, da vivência de seu autor? Sua experiência de vida, sua trajetória e seus sentimentos acabariam entrando, mesmo que por pequenas frestas, naquilo que vai ao “papel” em branco?

Em diversas manifestações literárias encontramos a vida dos autores intensamente presente em suas obras. Aqui gostaria de começar meu trabalho com indagações em torno de uma literatura cúmplice da vida, tomando como exemplo o livro *Recordação da Casa dos Mortos*, de Dostoiévski.

Escolho esta obra como exemplo pela direta relação que ela apresenta com o tema deste trabalho. Neste livro, a experiência do homem que está por trás do texto permeia a obra inteira. Vida e escrita se misturando, formando um nó apertado.

Apesar de Dostoiévski já ter anunciado, através de suas primeiras obras, sua preferência pelo lado obscuro da vida, optado pelos humilhados, pelos que não tinham voz na sociedade, pelos esquecidos, foi no presídio onde ele esteve mais perto desse lado da vida.

Na prisão, quando realmente desceu ao inferno, o autor conheceu mais de perto homens que poderiam ser seus personagens. Foi no cárcere que Dostoiévski sentiu na pele o que já conhecia nas ruas de Petersburgo. Estudos sobre o autor, apontam a experiência do cárcere como uma das mais marcantes em sua vida¹. A proximidade com a miséria da prisão o fez conhecedor profundo da alma humana. E aproximação com a morte, já que esteve diante de um pelotão de fuzilamento, parece também ter transformado-o em outro homem.

¹ Brito Broca e Joseph Frank, este biógrafo de Dostoiévski, defendem a idéia de que a experiência da prisão foi um marco na produção do autor. A prisão poderia ser considerada um referencial divisor na sua obra: o antes e o depois do cárcere.

Dostoiévski, assim como Graciliano Ramos, que também escreveu suas *Memórias do Cárcere*, traça, na sua literatura, um caminho no qual há sempre uma tensão entre o “eu” e o “outro”. Existe aí um compromisso ético com a vida, no sentido de buscar olhar para onde é doloroso olhar, que, se já permeava a obra do autor anteriormente, passa a ser, a partir de então, um grande imperativo em cada texto seu.

Busco, assim, nestes importantes autores uma inspiração para apresentar o caminho que escolhi para desenvolver o meu trabalho. É nesta perspectiva que esta dissertação desabrocha. O interesse pelo tema prisão pode ser entendido através de uma rede de fatores que me fizeram chegar até ele e que envolvem diversos aspectos íntimos da minha trajetória de vida. A aproximação de pessoas que passaram, uma por manicômio e outra pela prisão, fez, por si só, desses dois espaços um foco de interesse. Apesar de nunca ter posto os pés em nenhuma dessas duas instituições, elas se apresentam para mim como lugares à espera de um olhar mais atencioso; são lugares sempre obscuros e carentes de uma fotografia mais complexa, à espera de um olhar mais interessado e mais humanizado.

Foram as experiências pessoais e o meu trabalho como jornalista que me aproximaram da questão da pobreza e da violência, e esta última, inevitavelmente, acabou me levando ao tema prisão. Durante os três anos em que estive envolvida num trabalho sobre tráfico de drogas, pesquisei processos de prisioneiros no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e também fiz pesquisas em jornais nos quais o tema do tráfico de drogas, na maioria das vezes, se associava à questão da prisão. Histórias de vida, de perto e de longe, transpassadas pela mesma realidade embrutecida da qual todos nós fazemos parte, só acrescentaram o interesse do meu olhar por este lugar.

Destacaria ainda como inspiração para essa pesquisa, juntamente com a experiência pessoal, a leitura do texto de Elie Wiesel, *Por que escrevo?*, uma belíssima narrativa sobre sua escolha em jamais deixar para trás a história dos mortos nos campos de concentração, onde ele vivenciou o horror do nazismo.

Como um sobrevivente, Wiesel transformou sua escrita numa “luta contra o silêncio com palavras²”. Na sua escrita há um questionamento do que ele viveu naqueles lugares e um questionamento sobre si próprio: “Escrevo para compreender tanto quanto para ser compreendido³”.

Aproprio-me, com cuidado e delicadeza, das palavras de Wiesel, para explicar que minhas escolhas, e aqui a escolha do meu tema, é uma escolha ética, porque busco olhar o lugar da dor do “outro”, que também é minha dor. A minha escolha tem a ver com a ótica pela qual enxergo o mundo. Sendo assim, eu não posso ignorar esse outro. “Eu os vejo”⁴, para repetir uma frase que ele coloca com muita ênfase em seu texto.

E esta dissertação passa por esse lugar, o do questionamento, através da literatura, que é aqui o meu campo de estudo. O questionamento das narrativas sobre a prisão, que retratam o encarceramento de milhares de homens, em condições desumanas, sendo torturados, indo em direção à morte. O mesmo lugar onde encontram-se também homens buscando luz, a fuga da morte, através da escrita. Escrevendo livros e escrevendo-se a si próprios, para não morrerem.

Junto a isso, e parece que quando mergulhamos num assunto nos transformamos em imãs, e passamos a “puxar” tudo aquilo que nos interessa naquele assunto, surgiu o interesse de produzir algo ligado ao sistema prisional quando assisti à peça *Apocalypse 1.11*, encenada pelo grupo Teatro da Vertigem, com texto do jornalista e escritor Fernando Bonassi.

Apocalypse 1.11 fazia parte de uma trilogia de textos com temas religiosos, que, segundo o grupo, partiu da necessidade “de refletir sobre um tema atual e comum a todos: o conflito do homem contemporâneo com sua dimensão espiritual”⁵.

² Vieira, 1994, p.28

³ *ibid.*, p.25

⁴ *ibid.*, p.26

⁵ Site do Teatro da Vertigem: www.teatrodavertigem.com.br

O primeiro espetáculo da equipe, *O Paraíso Perdido*, foi apresentado numa igreja. O segundo, *O Livro de Jó*, teve como palco um hospital desativado e o terceiro, *Apocalipse 1.11*, foi encenado pela primeira vez em 1999 no presídio do Hipódromo, em São Paulo.

A pesquisa para a encenação do texto *Apocalipse 1.11* teve como ponto de partida o estudo do texto bíblico *O Apocalipse de São João* e obras de autores clássicos, através de diferentes abordagens. À temática religiosa foram acrescentados questionamentos sobre o Brasil contemporâneo a partir de uma ótica social, política e cultural. O número 111, do título, é uma junção de referências: o capítulo 1, versículo 11, da bíblia, e o número de presos assassinados durante o massacre no complexo penitenciário do Carandiru⁶.

Idealizada no final dos anos noventa, a peça trazia à tona a angústia em torno do final de milênio, com uma mistura ousada entre o profano e o sagrado. Nela, foi posta a questão se estaríamos no fim dos tempos ou no início de uma nova era (com a chegada dos anos 2000, novo milênio). Era a busca de João por uma Nova Jerusalém profanada. A aniquilação da vida, através de atos terroristas, crimes em massa, guerras, etc. A violência virando parte do dia-a-dia de todos e nos confrontando com a questão do Mal. Do outro lado, a utopia de uma nova civilização, de uma nova era; a humanidade à espera das boas novas do ano 2000.

Um texto no site oficial do grupo explica o desejo de tocar o público com relação aos paradoxos da humanidade então à porta do novo milênio:

Decadência de valores? Manifestações da Besta Apocalíptica? Ou simplesmente traços característicos, ainda que indesejáveis, da condição humana? A crença no fim dos tempos parece dizer respeito não apenas à ansiedade provocada por uma data numérica no calendário, mas também a essa nossa própria condição. Aqui, os horizontes individuais e coletivos se interceptam. À percepção subjetiva da passagem do tempo, do envelhecimento e morte que cada um de nós vivencia, mistura-se um sentimento coletivo, uma consciência universal sobre o confronto com a Morte e a transitoriedade. Um final de milênio parece nada mais fazer do

⁶ No dia 02 de outubro de 1992, 111 detentos foram assassinados pela Polícia Militar paulista, após a invasão da penitenciária. O objetivo da incursão era acabar com uma briga entre detentos que teria saído do controle dos agentes penitenciários.

que intensificar e ampliar estas percepções. (Texto extraído do site oficial do grupo⁷)

Liderado pelo diretor Antônio Araújo, o grupo Teatro da Vertigem, que sempre utiliza nas suas apresentações espaços não convencionais e tem como um dos pilares a experimentação, buscou em *Apocalypse 1.11* investigar “esta zona de tensão e ansiedade que ora vivemos, em todas as suas contradições”⁸. A encenação, a que assisti, no ano de 2002, no antigo prédio do Dops⁹, no Rio de Janeiro, colocava o espectador frente a uma cena impactante e ousada: a reprodução do episódio do massacre de presos no complexo penitenciário do Carandiru.

Envolvida, como espectadora, num corredor escuro e apertado, vendo aqueles “soldados” (atores) puxando corpos pelo chão e o barulho de “tiros” a atormentar nossas cabeças, verdadeiramente me coloquei no lugar que o Teatro da Vertigem quer que o espectador esteja – o do desconforto, o do questionamento, o da vertigem.

Seria fácil pensar que se trata somente de uma peça teatral, em nada verdadeira? Não para quem está, de alguma maneira, mesmo que “apenas” ideologicamente, envolvido e preocupado, com as aniquilações da vida do mundo do qual fazemos parte.

Fui tocada pela arte, pela tentativa de espanto, de estranhamento. Ali, naquela noite de 2002, eu estava dentro do Carandiru, sentindo o horror que foi o massacre de 111 homens. A percepção do espaço presídio era real naquele instante. A arte me causando o estranhamento necessário para mais um “clique” em busca de uma forma diferente de estar no mundo. Uma forma mais humana (por mais que isso pareça redundância); uma forma compromissada com a vida do outro, que é também a minha.

⁷ www.teatrodavertigem.com.br

⁸ Texto extraído do site oficial do grupo: www.teatrodavertigem.com.br

⁹ Departamento de Ordem Política e Social; órgão repressivo do governo brasileiro durante o regime militar – já extinto.

A ida ao teatro para assistir àquela peça é mais um dos fios que compõe a rede de fatores que me fizeram chegar ao tema prisão. A linha condutora do meu trabalho encontra sintonia no processo de trabalho do Teatro da Vertigem:

A marca mais radical dessa proposta é a concepção do teatro como pesquisa colaborativa entre atores, dramaturgo e encenador em busca de respostas a questões do presente. (...) Esperamos com esta pesquisa, mais do que pintar quadros de salvação ou de destruição, questionar e refletir sobre esta dialética de esperança e terror, presentes nesses anos. E o que talvez este trabalho proponha seja, de fato, um mergulho nesta época de confusão e crise, nesse ‘tempo de transição’ e, em última instância, um confronto com a inevitabilidade dos nossos próprios apocalipses pessoais. (...) Ao trazer o mito apocalíptico para o espaço do presídio, o Teatro da Vertigem entra em contato com a memória dos excluídos sociais, no confronto turbulento com o imaginário da prisão. (Texto extraído do site oficial do grupo¹⁰)

A idéia sempre foi a de desenvolver um tema que estivesse atrelado à realidade que me provocava inquietações, que tivesse muito das questões que me convocavam, que me despertavam interesse no sentir e no pensar. Assim, o desejo confirmou-se por esse tema espinhoso, a prisão.

Como juntar prisão e literatura? O desejo não era desenvolver o tema apenas como uma forma de falar dos “excluídos”. Mas sim de trazer para a minha produção aquilo que importa na vida, no mundo, nas minhas preocupações e inquietações. Seria então uma trama desses elementos com a literatura. É bem verdade que, em muitas ocasiões, o teor sociológico do tema tentou ‘empurrar’ a literatura para um lugar à margem deste trabalho. Tentei evitar esse ‘desvio’, mas não sei se consegui, tanto quanto deveria, manter a literatura como linha Norte desta proposta.

Para completar, de maneira especial, esta longa história de idas e vindas nos meus devaneios, eis que cai em minhas mãos o texto *Cartas da prisão*, de Marco Lucchesi, que conta o episódio do recebimento de uma carta vinda de um presídio de São Paulo. A carta trazia um pedido de livros para a biblioteca da prisão, mas falava também sobre o peso que a leitura/literatura tinha na vida

¹⁰ www.teatrodavertigem.com.br

daqueles homens encarcerados. Falando sobre a experiência das primeiras leituras na prisão, a carta trazia duas epígrafes valiosas dentro do meu contexto: *A literatura é a irmã gêmea da liberdade e Para tirar o homem do erro é preciso dar, não subtrair.*

Era a última ficha que caía para que eu conseguisse fechar a colcha de retalhos que se desenhava na minha cabeça, para desenvolver o trabalho final de mestrado. Jornalismo, literatura, prisão, vida...

Busquei encontrar um ponto que pudesse conjugar os elementos pessoais, a literatura e o jornalismo. A prisão seria o tema norteador, porém como abordá-la neste cruzamento de interesses? Pareceu-me um caminho fértil refletir sobre prisão/literatura/mídia. Interesses traçados, deveria encontrar a linha de reflexão sobre esta escolha.

Na minha observação, como leitora/espectadora e também como jornalista, sobre a cobertura dos meios de comunicação dos assuntos ligados a grupos periféricos da sociedade, posso perceber que ela é tímida, mais que isso, ela é ineficiente. A favela, o subúrbio, as periferias em geral, assim como o presídio, que é o meu foco, são locais praticamente esquecidos pela grande imprensa.

O meu interesse pelo jornalismo e pela literatura poderia, assim, ancorar nesta relação – o espaço presídio sendo retratado pelas duas vias. Dessa forma, decidi abordar o tema do sistema penitenciário brasileiro através da literatura, por meio de uma análise de como os relatos literários escolhidos para esse trabalho tratam o tema e como a mídia o traz ao público. Entender melhor um sistema penitenciário que não é mostrado na mídia, apesar de estarem sempre em pauta as notícias sobre cadeia, rebeliões e fugas.

Contrapor a literatura produzida por pessoas que estão dentro deste sistema penitenciário, que fazem parte dele, que são testemunhas do que acontece nos porões dos presídios, com as matérias jornalísticas feitas, na maioria das vezes, fora da prisão, um olhar externo ao que acontece lá dentro. Cruzar esses dois tipos de narrativas sobre a mesma questão. Traçar um paralelo entre as duas escritas.

É uma busca no sentido de refletir como a produção literária da prisão pode dar um novo e diferente sentido ao que a mídia entende como denúncia. Aprofundar o drama humano. Enfim, olhar de modo mais complexo o imaginário e a realidade que atravessam as prisões e as vidas dos presos. Como esses relatos podem trazer à tona, tornar visível, dar a ver, o que os jornais e a televisão não mostram. Procurar as diferenças discursivas entre as duas formas de retratar o espaço em questão. E além disso, analisar como as narrativas da prisão podem funcionar como uma estratégia de criação de vida, de sobrevivência, num espaço que é o tempo todo atravessado pela morte.

As matérias jornalísticas sobre a prisão são, em sua maioria, superficiais, demonstrando não haver interesse em aprofundar o assunto, que hoje é um dos principais problemas a serem enfrentados pelas políticas de segurança pública do país.

Comparando os textos jornalísticos referentes ao tema e os textos literários produzidos pelos presos, poderemos ver que existe um buraco nessa cobertura jornalística. A questão das condições desumanas dos presos em celas minúsculas e a questão da tortura parecem não se constituir como um grave problema do país. Essas questões apenas são especuladas, alarmadas, mas não investigadas; passam como coadjuvantes, em algumas poucas matérias dos jornais brasileiros. Ao contrário, na literatura, a tortura é um dos principais temas abordados e até mesmo questionados.

Esse estudo pretende buscar um rascunho do sistema penitenciário brasileiro, comparando dois lados de uma mesma moeda. Em uma face o que a mídia oferece ao leitor de informação sobre o sistema carcerário. E em outra, a escrita de testemunho dos presos, que muitas vezes se apresenta como via de sobrevivência de seus autores, de resistência, de reconstrução de identidade, e que pode também ser enxergada como um instrumento de denúncia, de “grito”, mesmo não ouvido pela sociedade, do que não pode nem sequer ser sussurrado pela mídia.

A escolha para análise recaiu sobre três livros publicados no ano de 2001 e que têm o presídio como cenário de seus relatos: *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes; *Diário de um detento: o livro*, de Jocenir, e *Pavilhão 9, paixão e morte no Carandiru*, de Hosmany Ramos.

Para a realização da abordagem proposta, o texto foi dividido em quatro partes. A primeira, *Das prisões*, traz um breve histórico sobre a criação da prisão, bem como do poder de punir, direcionado pelo estudo de Michel Foucault sobre o tema. Ainda nesta parte, é dado um enfoque à situação atual do sistema penitenciário brasileiro, com apresentação de dados estatísticos e reflexões de pesquisadores de campo sobre o tema. E junto ao enfoque histórico da prisão, é introduzida a literatura produzida nesses espaços prisionais.

Na segunda parte, *O suplício dos corpos*, são apresentadas reflexões sobre o poder punitivo dos corpos. Através dos contos *Cela-forte*, *Pavilhão 9* e *Inferno*, de autoria de Mendes, Hosmany e Jocenir, respectivamente, podemos atravessar a questão da atualidade do suplício dos corpos, destrinchada por Foucault. Ainda neste terreno, do perverso poder de punição a que os presos são submetidos, dois contos de Hosmany se destacam, *Serpentes Negras* e *O Crime da Lei*, por possibilitarem uma discussão sobre os temas da pena de morte, ética médica, lei e justiça.

Prisão e mídia, terceira parte do trabalho, aborda a forma como a mídia trata as questões relativas ao sistema penitenciário. É uma tentativa de mostrar o desinteresse pelo tema da prisão, ou melhor, um interesse apenas pontual, ligado aos eventos esporádicos como rebeliões e grandes fugas. Esse comportamento cria uma imagem que reforça todos os estereótipos criados em torno do preso. Nesta parte do texto, são apresentadas matérias dos jornais *O Globo* e *O Dia*, para a comparação com os textos literários. O recorte da análise foi centrado nestes dois veículos pelas diferenças que apresentam em seus públicos-alvos.

Neste enfoque podemos perceber o quão se distanciam as duas formas de narrativas, jornalística e literária: uma mais objetiva, feita de fora da prisão, a outra, mais profunda, vinda de dentro do presídio. Ainda nesta parte, uma reflexão

sobre a recepção desses dois tipos de narrativas, o leitor/espectador da notícia sobre os eventos ocorridos nos presídios e o leitor dos livros do cárcere. Dois “ouvidos” diferentes na escuta das vozes da prisão.

Na quarta e última parte, *Literatura, Liberdade e Vida*, a investigação da escrita dos detentos como uma possibilidade de fuga do espaço de morte da prisão; uma via de sobrevivência. Através de uma história de cartas, tento desfiar o fio do novelo da produção da escrita pelos presos como uma criação de visibilidade na sociedade, e mais ainda, de criação de uma via de sobrevivência diante das tantas possibilidades de morte. Esse talvez tenha se tornado o ponto principal do meu enfoque, da minha escolha, do meu caminho percorrido.

Comparecem aqui, juntamente com os textos literários escolhidos, o pensamento teórico que me despertou interesse durante o período do curso de mestrado. Autores descobertos e outros revisitados. E também pesquisadores de campo, porque o tema pede, em alguns momentos, números e estatísticas, para melhor embasamento do quadro colocado em questão.

Alguns autores são citados de maneira especial neste texto. A leitura de *Vigiar e Punir*, do filósofo Michel Foucault, foi o primeiro passo para entrar na questão das prisões. Outros autores importantes como Jacques Rancière, Milton Santos, Eneida Cunha, Luiz Eduardo Soares, ajudaram o caminhar no tema.

Nesta dissertação tento juntar vozes de “fora”, normalmente pouco lidas no espaço acadêmico, com o que me foi oferecido dentro da academia. Junção de escritas e olhares distintos sobre o mundo, que se cruzam na matéria-prima da literatura: a vida.

Essa junção vem mais uma vez dar ênfase à minha própria experiência de vida. O lugar onde me encontro, na feitura deste texto, na universidade, jamais foi imaginado no passado. Do espaço marginalizado da favela, onde nasci e vivi durante quase vinte anos, ao espaço ultra-elitista da academia foi um caminhar bastante tortuoso. Entre os dois mundos, um abismo. Estive lá e hoje estou aqui. “Sou outra e sou a mesma”, utilizando uma frase de Luiz Mendes, um dos autores

do cárcere. Estar neste entre-lugar causa desconforto e é preciso um bocado de coragem. A presença constante de uma sensação de inadequação ao espaço acadêmico e outras sensações periféricas a esta transformaram-se muitas vezes em pedras no meio do caminho. O espaço elitizado, a falta de uma carga de leitura “necessária”, a descoberta de novos mundos, através de autores e de professores.

Apesar de já há algum tempo ter me aproximado do “mundo classe média”, a universidade é ainda um espaço simbólico de um meio que me é estranho. Quando ouço ou leio o escritor Ferréz derramando sua acidez para falar da exclusão da periferia, eu consigo encontrar sintonia na sua fala. Ao mesmo tempo, eu também estou do outro lado, das críticas à sua fala radical. Eu estou do “lado de lá” e do “lado de cá” do discurso de Ferréz. Sei com propriedade da dor gritada em seu texto cruel e revoltado. E sei também da experiência de estar do outro lado do jogo. Lugar desconfortável esse e ao mesmo tempo enriquecedor. Este trabalho é uma prova disso. No espaço acadêmico escolho como personagem o lugar do excluído, mas a minha fala é do lugar da exclusão. Achar o caminho do meio foi e continua sendo tarefa difícil. Tenho tentado.

Entre tantas idas e vindas, desistências e retomadas do curso de mestrado, surge aqui o meu trabalho, a experiência de vida e o esforço da luta, resultando num texto híbrido, fruto de certa revolta e estudo, amor e ódio, vontade e desistência, esperança e medo. Não poderia ser diferente para uma vida no limiar entre dois mundos tão distintos.

Esta fala, de desabafo, talvez inadequada num texto acadêmico, é a tentativa simbólica de afirmar uma vitória e também de partilhar uma experiência, me inserindo, não só como crítica do texto alheio, mas como autora de meu próprio texto. Vitória que Ferréz grita que os manos estão conseguindo com o rap ou que a Literatura Marginal está conseguindo com seus textos. Apesar de não estar incluída em nenhum movimento ou grupo específico, me sinto parte deles, me sinto “mana” de tantas as vozes que não têm voz no Brasil, de tanta gente com potencial desperdiçado. Vitória que Mendes, Jocenir e Hosmany experimentam ao conseguirem, por meio de suas escritas, alguma potência de vida nos espaços mortais da prisão. A vitória da vida contra a morte.